

A cooperação como estratégia em práticas intergeracionais



Cristina Lima

Introdução

As práticas intergeracionais surgem como consequência da organização rígida do curso de vida que identifica atividades particulares com fases específicas da vida (Ferrigno, 2010), paralelamente ao avanço do envelhecimento ativo. Tais práticas são consideradas pela UNESCO (2000) como modelos eficazes de planejamento social, no qual a inclusão é um dos fundamentos mais importantes, pois priorizam o valor social da igualdade, sendo uma oportunidade para manter a solidariedade entre as gerações (Sánchez, 2011, p. 24).

Entre os diversos modelos existentes no Brasil, o SESC, entidade pioneira no programa com idosos, iniciou em 2003 o Programa Sesc Gerações, que tem como principal objetivo combater o preconceito etário através de atividades que promovem o encontro entre diversas faixas de idades. É nesse universo que são apresentados, neste artigo, os relatos de como acontecem as aproximações entre idosos, adultos, jovens e crianças, em que são estabelecidas as trocas de experiências através de jogos dramáticos do curso de teatro, realizado em 2005 com 6 meses de duração, em um dos centros de atendimento do SESC São Paulo. O curso contou com 13 participantes de 6 a 66 anos, sendo entre eles um maior número de idosos. Como profissional deste segmento, considero essenciais os diversos tipos de envolvimento que

ocorreram ao observar a forma como eles foram conduzidos e construídos para houvesse uma transformação nas relações entre os participantes.

As atividades intergeracionais

O desenvolvimento das dinâmicas interativas durante as atividades são caracterizadas pela coeducação entre gerações. O processo aponta três pontos essenciais: a motivação de todos os integrantes do grupo, o igualitarismo e a aprendizagem recíproca de acordo com a educação não formal. Os participantes envolvidos são estimulados a refletir, tomar consciência de si, das diferenças e semelhanças entre as gerações, fazer e refazer seus pontos de vista sem dissimular a realidade.

Assim lhes é dada a oportunidade para alcançar novos níveis de percepção, de conhecimento, de postura e de ação (Lima, 2008, p. 80) o que pode resultar no exercício da cidadania. O papel do instrutor é oferecer uma proposta para alcançar um objetivo comum, o que remete a um nível de interação considerável e produtiva, de transmissão de informações pertinentes e necessárias, de facilitação da aprendizagem e da adaptação desta à capacidade de cada participante, processo que a partir do instrutor, desenvolve o respeito e a confiança.

Para que ocorra uma interação relevante entre as gerações e as transformações na relação com o outro, levaram-se em conta os fatores apontados por Uhlenberg (2000, p. 264-5):

- A *duração* da prática, o que implica no tempo da convivência,
- *Relações igualitárias*, isto é, baseadas em valores e direitos iguais na execução das tarefas o que evita relações de subordinação e poder.
- *Grau de intimidade* desejado;
- Os *desafios* para alcançar um objetivo comum e
- A *cooperação* nas ações conjuntas, o que provoca reciprocidade e respeito mútuos.

A cooperação como estratégia

Pressupõe-se que as atividades que envolvem formas de interações cooperativas busquem, simultaneamente, um consenso em grupo e a harmonização das diferenças de forma pacífica. Brotto (2003) em suas experiências com jogos cooperativos na área da educação física considera a cooperação como um dos modos mais eficazes para o exercício e o aprendizado da convivência, principalmente para descobrir e enriquecer as habilidades nos relacionamentos: “Como tal, é necessário que seja aprendido, aperfeiçoado, incluído como uma experiência interior, compartilhando com o mundo exterior e, então reaprendido [...] num ciclo de 'Ensinar permanente'” (pg. 45).

O termo “ensinagem permanente” usado pelo autor implica a rejeição de uma sociedade estruturada e construída com base na segmentação da idade, isto é, em que a educação e a formação são adquiridas num único momento – no início da vida. O termo tem o mesmo sentido do termo *life-span* nos estudos da gerontologia, isto é, acredita-se na possibilidade de mudança para adaptar-se ao meio através de novas aprendizagens, que possibilitam ainda o aumento da resiliência, refletindo positivamente na (re) organização do curso de vida de indivíduos (Neri, 2002, p. 151).

Tais mudanças e aprendizagens são especialmente importantes na velhice, quando ocorrem perdas nos domínios biológicos e psicossociais. Nesse contexto, o exercício da cooperação exerce um importante papel ativador e motivador sobre as capacidades de reservas, possibilitando o desapegar-se de medos e inseguranças diante do desconhecido. Essas forças quando postas em ação podem compensar as perdas, manter a funcionalidade em domínios selecionados e aumentar o bem estar e a resiliência psicológica. Um idoso ativo, socialmente envolvido e motivado, é também uma pessoa que tem melhor conceito de si mesmo, age com autonomia e tem sua história e imagem social valorizada, o que é especialmente importante em sociedades como a nossa, que valoriza a produtividade.

Os sistemas cooperativos de aprendizagem em grupo estudados por Monero e Gisbert (2005) estão no campo do ensino escolar que permitem e promovem agrupamentos heterogêneos de alunos com uma estrutura em que os mesmos são responsáveis, não só pela própria aprendizagem, como também pela dos outros membros do seu grupo. Os autores apresentam a diversidade como um poderoso recurso: “[...] os métodos de aprendizagem cooperativa não tiram partido das diferenças entre os alunos, mas muitas vezes precisam delas [...] é vista como algo positivo que favorece o trabalho docente (pg. 10-1)”.

As condições que propiciam a aprendizagem do convívio entre as diversas faixas etárias de forma cooperativa e solidária requerem interdependência positiva do grupo, isto é, o sucesso de cada participante está ligado ao restante do grupo e vice-versa, principalmente quando ocorre o compartilhamento de ideias e responsabilidades, as quais permitem dinâmicas de ajuda, apoio e motivação.

A reciprocidade é percebida quando um dos participantes se sente apoiado e valorizado pelos demais do grupo, da mesma forma, ele passa a preocupar-se com o sucesso de seus colegas, o sentimento recíproco é um poderoso incentivo para desenvolver e estabelecer relações de igualdade para todos, percebe-se uma postura mais tolerante e cooperativa independente da idade. Caso ocorra, nos momentos de estranhamento e/ou conflito, muito comum no início do processo, o professor ou instrutor adota como estratégia a negociação constante, o que promove momentos de reflexão e resolução de conflitos construtivos, reajustes de melhorias (Lima, 2008, pp.101-4).

De acordo com Maçada e Tijiboy (1997), para que tal dinâmica aconteça, é fundamental que os participantes estejam dispostos a interagir, contribuir,

colaborar, serem solidários, ter e desenvolver uma consciência coletiva. Durante o processo é importante alcançar certa homogeneidade nas relações, identidade das necessidades em comum e confiança na força do grupo para chegar num objetivo comum.

Concordam os autores em que cooperar é trabalhar junto, é fazer com a ajuda de outros, o que com maior dificuldade, conseguir-se-ia sozinho. O ato de ajudar é uma resposta humana criativa diante das suas necessidades e realidades, envolve uma ou mais ações interativas conscientes de pessoas com diferentes pontos de vistas, num mesmo grupo, com uma finalidade ou objetivo, num processo de ajustes constantes.

De acordo com as observações nas atividades intergeracionais do programa SESC Gerações, a cooperação é considerada mais um processo do que um resultado entre os participantes, um processo mais aberto de significações e interações entre eles, um caminho eficaz de convívio, não apenas entre as gerações, mas de criar inúmeras formas de relacionamentos voltadas para o desenvolvimento do respeito mútuo, bem como de um aprender com o outro, desenvolver o cuidado com o próximo, atitudes positivas, habilidades e os valores humanos necessários que oportunizam as reflexões e as (trans)formações de conceitos tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos.

Quando há uma um envolvimento permeado pela interdependência positiva percebe-se mais condições para que os mais velhos transmitam seus valores éticos e culturais aos mais jovens, o que constitui uma mensagem positiva do continuum da vida, um anseio de ajudar os mais jovens, não para desempenhar uma autoridade, mas por solidariedade na causa da vida. O envolvimento e a interação vividos nas atividades intergeracionais são importantes para a sua adaptação às perdas de papéis, também minimizam o impacto do envelhecimento.

Passam a entender melhor a linguagem juvenil, ficam mais flexíveis quanto à aceitação do estilo de vida dos jovens. “[...] o jovem de hoje em dia tem ideia própria, ele expressa essa ideia, porque no nosso tempo, na minha época a gente, mesmo que a gente pensasse ‘ah eu não quero ficar nessa companhia’, a gente não podia expressar, porque a educação era essa, e hoje não, o jovem de hoje fala mesmo, o que gosta e o que não gosta (Zezé, 63 anos)”.

Para os jovens, observa-se uma mudança de conceitos sobre o velho e o envelhecer, principalmente por parte daqueles que pouco convivem com pessoas mais velhas.

“[...] Ah! Foi um susto tipo assim. É por que... Eu tinha visão que o pessoal da terceira idade eram meio chato, que já tinha vivido muito, com sua experiência de vida e... a gente não sabe de nada ainda da vida porque eles já sabem de tudo, então pra mim eles eram os donos da verdade e a gente ia ficar meio por fora, mas percebi que não, então esse foi o meu medo de ser ignorado pelo pessoal [grupo dos idosos],

mas acabei vendo que não, na verdade a gente aprende muito com eles e eles aprendem com a gente”. (Edivaldo, 21 anos)

Os jovens declararam também que durante o processo de envolvimento intenso nas atividades (ensaios, montagem de cenário e manequins) em que houve desafios, a experiência dos mais velhos foi fundamental, pois ofereceu segurança e confiança. Tais interações cooperativas propiciaram aos jovens uma tomada de consciência de sua futura velhice e uma perspectiva de como querem envelhecer. Os grupos etários envolvidos nas atividades do referido programa declararam sentir uma mudança no relacionamento social, tanto na família quanto com os amigos.

Na fala abaixo, foi necessário à garota renegociar seus limites, relacionamentos e estruturas familiares: “Aprendi ter mais compreensão com algumas pessoas tanto menor do que eu, quanto mais velhas, porque eu não tenho muita paciência, mas aí eu aprendi com essas pessoas, não só com os idosos, mas também com as crianças e gente da minha idade, a ter paciência.” (Julia, 15 anos)

Durante a pesquisa que fizemos perguntamos: Você conseguiu levar essa experiência fora do teatro? A resposta foi: “[...] em casa, com a minha mãe, com o meu pai, com toda a família, tenho mais compreensão assim sabe? Antes eu mais falava do que ouvia as pessoas, agora eu ouço mais elas. É que eu falo bastante, mas na hora de ouvir a pessoa falar eu não queria entender?! Então eu aprendi isso também, foi legal.” (Julia, 15 anos).

Numa outra ocasião, uma senhora se sente discriminada por um jovem de 12 anos, ela interpreta a atitude do jovem como um preconceito:

“[...] eu senti assim, eu que achava que eles [grupo de adolescentes] estavam com falta de respeito com a terceira idade, mas com o tempo foi melhorando a convivência; eles foram... [pensou um pouco]; num sei eles foram chamados à atenção [...], foram prestando mais atenção no decorrer da peça [quer dizer alguns encontros], fomos tornando amigos, porque aí eles tratavam a gente com mais respeito, com carinho [...] foram chegando mais perto da gente”. (Odete, 60 anos)

Inicialmente a fala retrata uma atitude de distância entre as gerações, em que se manifesta a estranheza e a desconfiança, fase em que ocorreram exclusões pelos próprios participantes. A atuação do professor ou facilitador junto ao coordenador do Programa SESC Gerações no processo de interação grupal foi significativa para o retorno dos excluídos, mas mesmo assim nem todos voltaram. Na fala abaixo se observa nas entrelinhas, a superação de um determinado conflito inicial.

“Foi mais má impressão que eu tive, assim de ter falado uma coisa e a gente ter entendido outra, porque ele foi um menino legal, trabalhamos juntos, era companheiro, chegava e me abraçava sempre, me beijava, a mim e a todos também, [...] eu sei que logo nós ficamos bastante amigos

e... terminamos muito bem, num teve mais nenhum atrito.” (Odete, 60 anos)

A atuação de Odete junto às gerações mais novas, durante os preparativos da apresentação teatral, passou a ter mais valor quando o professor colocou os adultos e os idosos como auxiliares direto das crianças, o que destacou a importância social afetiva de descobrir uma convivência significativa. Essa estratégia também fez com que os adolescentes aproximassem mais das gerações mais velhas. A proposta de atividades cooperativas para intensificar o envolvimento foi oportuna para a tomada de consciência sobre o outro, que não é da mesma geração.

Em consonância com a literatura, constatamos que a cooperação é uma estratégia de trabalho eficiente para aproximar as gerações. A interação cooperativa promoveu momentos de reflexão, discussão e estimulou os participantes a transporem situações vividas no processo da atividade para a realidade cotidiana. Nesses casos pode-se entender a prática intergeracional como meio de transformação não só de antigas maneiras de pensar de cada

um, mas também de atitudes positivas, tais como: individualismo, competição, tendências a omissão ou alienação, exclusão, relação de domínios, preconceitos nos momentos em que foram percebidas as relações de igualdade e sentimentos de reciprocidade. As falas acima confirmam também, que a convivência entre gerações além do âmbito familiar nem sempre é espontânea, mas pode ser ensinada, aprendida, treinada, estimulada e construída de forma que se veja o(s) outro(s) como uma fonte de conhecimento.

A ação pedagógica é legítima quando parte da premissa de que as pessoas são iguais nos direitos, mas diferentes em suas características individuais. Proposta que abre oportunidades para que as pessoas se encontrem e valorizem o que tem para contar uns aos outros, para que haja enriquecimento mútuo.

Conclusão

As ações com objetivos de aproximações e interações humanas sem distinção de idade para transformar uma sociedade que cultiva o mito da eterna juventude, que ignora, desvaloriza e discrimina o compartilhamento da memória viva dos velhos, que gera várias formas de preconceito etário, se fazem fundamentais para garantir o respeito e a dignidade sobre as diferenças.

As atividades cooperativas podem ser utilizadas em grupos de qualquer idade, não exige um nível de escolaridade definido; são altamente favoráveis e eficazes na superação de comportamentos que segmentam as relações humanas. A interação cooperativa entre as diversas gerações significa uma das formas que mais propicia a quebra de barreiras, que encurta as distâncias e aproximam pessoas sem distinção de idade.

Nessa perspectiva, é possível gerar um sentimento de pertencimento por parte das pessoas envolvidas na construção de uma consciência coletiva. (Lima, 2008, p. 101-3). Tais ações, mesmo que em pequenos grupos, constituem uma contribuição para a proteção social e para a construção de uma sociedade para todas as idades.

Data de recebimento: 26/10/2012; Data de aceite: 20/10/2012.

Referências

Brotto, F. O. (2003). "Circulando Cooperação". Santos: Projeto Cooperação.

Ferrigno, J. C. (2010). Coeducação entre gerações. 2. ed. São Paulo: Sesc.

Lima, C.R. (2008). Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as gerações. Ed. Átomo e Alínea. Campinas.

Maçada, D.L. Tijiboy, A.V. (1997). A Colaboração e a Cooperação Via Internet nas Organizações. Anais do 21.º Encontro da ENAMPAD. Rio das Pedras. Rio de Janeiro.

Monero, C. & Gisbert, D. D. (2005). Tramas: procedimentos para aprendizagem cooperativa. Porto Alegre. Artmed.

Neri, A.L. Qualidade de vida e idade madura. (2002). Ed. Papirus. Campinas.

Sánchez, M. (2011). Programa Intergeracionais na Europa: breve avaliação crítica das políticas, práticas, teorias e pesquisas. Revista A Terceira Idade, Sesc. São Paulo.

Uhlenberg, P., (2000). Why study age integration? The Gerontologist, 40(3), pp. 261-5.

Cristina Rodrigues Lima - Graduada em Educação Física (PUC Campinas/1984). Mestre em Gerontologia (UNICAMP/2007). Agente de Cultura e Lazer Coordenadora técnica do Trabalho Social com Idosos do SESC Serviço Social do Comércio – Unidade de Campinas/SP. Autora do livro: "Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações". Editora Átomo e Alínea (2008). E-mail: cristina@campinas.sescsp.org.br